

APROFUNDAMENTO - 15. «PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

Nós nos perguntamos: «Para você, quais são os momentos mais significativos da nossa experiência?». Dom Giussani deu sua resposta. Para os discípulos de Jesus, os momentos mais significativos eram palavras vividas como oração e ações vividas como sacramento, ou seja, palavras dirigidas a «um “tu” pessoal, conhecido e preciso como o da mãe», e gestos que nos envolvem e nos conduzem «com inefável segurança a tocar a realidade divina (Passos de experiência cristã – ficha 15). Quem de nós descreveria assim os momentos mais bonitos do nosso estarmos juntos, como sacramento e oração? Trazemos a carta de uma professora que conta sobre a relação com uma aluna dos Colegiais e sobre como a amizade deles se tornou voz e palavra da relação com Cristo.

Quanto o nosso estarmos juntos se torna pedido ao Mistério, quanto deixa transparecer a presença d’Ele entre nós?

De alguns meses para cá, toda quarta-feira no almoço (cerca de 25 minutos) algumas alunas minhas começaram a chamada “grande fuga”. Saem logo após o sinal, vão a uma lanchonete lá perto, guardam o meu lugar, comemos o mais rápido possível e voltamos para a aula. Nada de especial. Estáveis somos 4, às vezes estamos em 5, às vezes em 7, mas como o lugar é pequeno e estreito, precisamos tomar cuidado para não sermos muito, senão ficamos sem comer.

Duas dessas meninas encontraram os Colegiais justamente nestes últimos meses, com uma consciência tão clara da presença de Jesus entre nós, que até eu às vezes tenho dificuldade em reconhecer. À parte uma aluna minha dos Colegiais, as outras que vão e vêm não chegam a ser muito religiosas. Ambas falam muito pouco, talvez pela timidez acentuada, e assim acabam passando meio inobservadas. Nestes meses eu percebi em mim Algo que crescia nelas e que crescia também em mim. Em dezembro, fizemos uma convivência de estudos com os Colegiais e convidamos uma dessas meninas, muito boa na escola, acostumada a estudar. Ela não ia vir. «Não vou porque preciso estudar sozinha, aí perderia o sentido da convivência». Simplesmente lhe escrevi que ela não sabia do que se tratava e que não colocasse limites. Depois de alguns dias ela me fez umas poucas perguntas simples. Em resumo: «Mas o que é isso pelo qual vocês vivem? De que se trata?». Uma pergunta que me paralisou bastante, porque com certeza não tinha a ver só com a convivência de estudos. Eu balbuciei algumas coisas por não sei quanto tempo, 40 minutos ou mais. Ela ficou com o rosto sem expressão na minha frente, me escutando. Nenhum comentário. Nenhum movimento da cabeça. E eu disse para mim mesma: «O que é que eu estou dizendo?». Eu estava explicando as coisas como se tivesse que dar uma aula sobre os desdobramentos sociais do Movimento. Abaixei a cabeça, depois olhei para ela e lhe disse: «Trata-se de Jesus, que é o sentido da vida, e quem O encontra fica com a vida tão transformada que já não consegue voltar atrás, até o ponto em que pode viver só disso, como aconteceu na minha vida». E contei de mim.

Nenhuma palavra, nenhum sinal, exatamente como antes. O sinal tocou, ela me agradeceu e foi embora. No dia seguinte, esta mudança: «Querida dizer duas coisas. A primeira eu queria ter dito ontem, mas eu estava muito concentrada em absorver cada palavra e pensar, e também falar era demais. De qualquer forma, o ponto é que intuí o que você estava dizendo ontem, porque desde que vim almoçar com vocês pela primeira vez, me dei conta de que havia algo mais e entendi logo que vale a pena questionar, e sinto que falta um pedaço a outras »

» coisas. A proposta da convivência ainda está de pé?». «Claro». «Então eu vou, você me convenceu». Alguns dias depois me escreveu: «Vou dormir e acordo feliz pensando nisso, e sinto muito por quem não vê e não entende a grandeza e o poder de tudo isso, porque a minha vida mudou e tudo ganhou um novo sabor. Entendi por que antes, quando minha amiga contava sobre os Colegiais, seus olhos brilhavam e por que eu sempre sentia resplandecer a Luz quando você estava na mesma sala em que eu estava. E você tinha razão: esse famoso “pedaço a mais” é uma coisa que não dá nem para imaginar, porque é infinitamente maior do que qualquer coisa que a mente humana possa conceber. Por isso não dá para explicar, precisa ver». A história continua e se torna cada vez maior. Cada vez mais verdadeira.

(Carta assinada)